

Dois porteiros
controlam a
entrada do
Edifício Rajá



O vigia da porta

Entre cartas, rádio, TV e muitas histórias

BRISA ALBUQUERQUE, BRUNA LEÃO RUA, MARINA NEVES E NATALIE REINOSO

Verdade seja dita: uma das maiores invenções da humanidade foi a porta. Só depois que o homem fechou a primeira, surgiu o conceito de privacidade, e tudo o mais que lhe é associado. Com a porta, surgiu a porta ao lado, a porta acima, a porta abaixo e o portão do edifício. Eis que, com tantas portas concentradas, foi criada a profissão do porteiro.

De olho em quem entra e quem sai, na maioria das vezes eles ficam escondidos atrás de mesas amontoadas de cartas, que dividem espaço com um radinho e uma pequena TV. Há quem diga

que, depois da privacidade, o porteiro foi a melhor invenção das grandes cidades. Os mais críticos discordam, e defendem que não existe nada pior do que ter alguém vigiando a vida dos vizinhos 24 horas por dia.

Diferentes opiniões. Semelhante, porém, o tratamento. Grande parte dos porteiros do Rio sofre o preconceito de moradores que os consideram, além de fofoqueiros, funcionários de pouca importância. Mesmo diante das críticas, eles continuam à frente do condomínio. E não importa qual a motivação – prazer ou sobrevivência – esses profissionais têm desejos e histórias como todo mundo.

“Não gostaria de ser porteira. Você passa a vida toda servindo, e sem ter o que fazer”, reconhece a arquiteta Ângela Beteille, moradora do Bairro Peixoto. Mas não é essa a opinião do pernambucano Antonio da Silva, porteiro há 25 anos. “Faço o que gosto. Nada é chato”, garante. As mais de duas décadas de experiência fizeram dele um professor. Veterano, é solicitado para esclarecer dúvidas de todos os iniciantes na arte do faz-tudo.

E disso José Guilherme Ribeiro entende. Trabalhando há oito anos como porteiro no Bairro Peixoto, ele conta que desde pe-

queno percebeu o dom de fazer “tudo”. Nunca fez curso. Aprendeu olhando.

“Sempre que preciso de ajuda, grito: ‘Guilherme!’. Ele é meu anjo da guarda”, conta Ângela, que mora no prédio em que o porteiro trabalha. “Troco lâmpada, conserto os canos, sou carpinteiro”, diz ele. Tal qual um bom mineiro, está sempre pronto para um “dedim de prosa” com os moradores. O assunto principal, “claro que é futebol!”, exclama o fiel torcedor do Flamengo.

Um reduto bucólico e pacato, assim é o Bairro Peixoto, onde trabalham Seu Antonio e Guilherme. Um lugarejo que se assemelha a uma cidade tranqüila do interior, dentro da frenética Copacabana. Lá, o ambiente é familiar e os moradores são, em sua maioria, muito atenciosos com os porteiros. A relação ultrapassa a simples prestação de serviço. “Somos uma grande família”, revela Ângela.

Ainda mais devagar é o dia a dia nas portarias, isso Seu Antonio não nega. Com 51 anos, ele está a postos para servir aos moradores a qualquer momento. “Se o senhor se candidatasse a vereador, teria mais votos do que muitos famosos”, reconheceu, certa vez, uma moradora. Seu Antônio não é o tipo de porteiro requisitado somente quando alguém deseja pedir silêncio, em caso de festa na casa do vizinho. Isso porque, quando há alguma festa, na maioria das vezes, ele é um dos convidados.

Porteiro, morador e síndico

Um pouco distante da portaria de Seu Antonio, mas também em Copacabana, José Reinaldo de Holanda descobriu que queria ser mais do que porteiro. O paraibano deslumbrou-se com a Zona Sul do Rio, e decidiu que era o lugar onde queria morar. Foi quando um pri-

“Sempre que preciso de ajuda, grito: ‘Guilherme!’. Ele é meu anjo da guarda”

Ângela Beteille

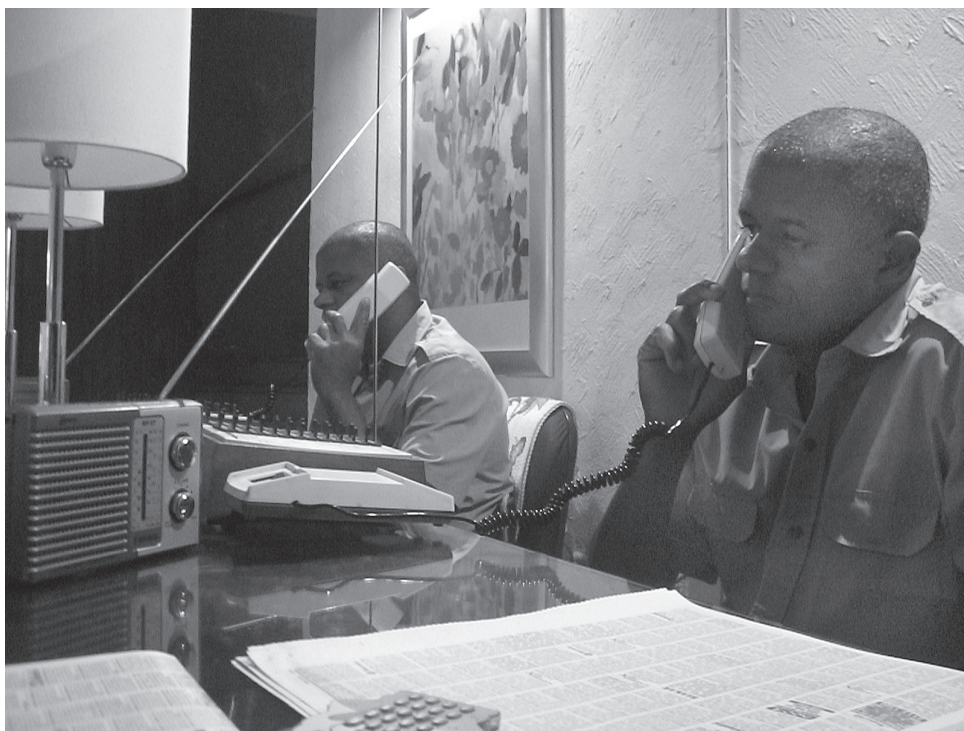
mo de seu pai lhe disse: “Então, vai trabalhar em prédio, que aí dão moradia”. Dito e feito. Conseguiu o emprego como faxineiro e, três meses depois, foi promovido ao cargo de porteiro chefe.

José não sossegou. Resolveu aprimorar-se. Fez cursos de bombeiro, pedreiro e administrador de condomínio. Queria, agora,

ser o síndico. Para isso, precisava ter uma propriedade no edifício. Juntou as economias, vendeu um carro antigo e foi ao banco tentar um financiamento. No primeiro, nada. “Sabe como é... Porteiro. Existe preconceito, não é?”, comenta.

Seguiu, no entanto, confiante em direção a outro banco. O gerente tampouco lhe foi atencioso. Mas José descobriu como conquistá-lo: “Vi que ele era torcedor do Botafogo. Eu também sou, mas nunca tinha comprado uma camisa oficial. Comprei três, uma para ele e as outras para seus filhos”, conta. Depois de 15 dias, veio o financiamento.

Comprou, então, o apartamento e continuou como porteiro, esperando a próxima Assembléia. “Não contei ao síndico que me candidataria, com medo de ser mandado embora”, explica. O grande desafio, agora, era estudar



Guilherme, seu radinho e o interfone

a estratégia para conseguir reunir votos. Bom, no edifício de 190 apartamentos, a maioria era alugado. A solução foi ligar para o máximo possível de proprietários. “Marcava hora e ia à casa de cada um, levando uma procuração. Explicava minha história, dizia que conhecia o prédio na teoria e na prática”. Foi assim que juntou 64 procurações.

Mas ainda faltava. “Precisava de um cabo eleitoral. Não tenho muita munição para debater”, diz. No prédio, conhecia um morador que sempre discordava do síndico. Holanda foi bater à sua porta. Perguntou se ele não queria se candidatar, torcendo para que a resposta fosse “não”. E foi o que aconteceu. “Então, eu me candidato e o senhor me apóia e ajuda na administração”, sugeriu. Em contrapartida, o morador exigiu: “Só se o senhor tiver 30 procurações”. Era pouco... Holanda retirou mais de 60 da pasta. Acordo fechado!

Há 10 anos, José acumula as funções de síndico e porteiro, com apenas uma folga por semana. Continua abrindo o elevador para os moradores, mantém o bom humor e está sempre bem vestido. Muito comunicativo, ele hoje resolve quase todos os problemas do prédio. De vazamentos a conflitos entre moradores.

“Tenho 99% de aprovação”, comemora ele, já no quinto mandato. O síndico e porteiro credita o sucesso da atuação à vantagem de ser funcionário. “Como estou o tempo todo na portaria, o contato com os moradores é direto. Isso dá mais agilidade. Vou delegando funções e acertando o que está errado”.



Guilherme: prestativo e sempre com boa vontade

Quando porteiro, sua maior insatisfação era levar um pedido ao síndico e nada ser resolvido. “Agora que ocupo esse posto, o morador faz um pedido, e eu logo tento solucionar”.

Reclamações...

Os porteiros sabem bem o que isso significa. Se um cachorro late, eles precisam ligar para o dono e pedir para parar. Se o som está alto, mais uma missão para resolver. “É uma aporrinhção atrás da outra”, queixa-se Antonio de

Sousa, porteiro de um prédio no Leblon. E desabafa: “Temos que ser prestativos, mesmo sem querer”.

A entrevista é interrompida pelo síndico. Ele pergunta de quem é o carro vermelho no estacionamento e diz saber que não pertence a nenhum morador do edifício. “É do amigo do morador”, responde Sousa, que, sem receio, critica a própria profissão. Segundo o porteiro, estar ali é, nada menos, do que falta de opção. Sousa reclama também do baixo salário e da distância entre moradores e portei-

“É uma aporrinhção atrás da outra”

Antonio de Sousa



Seu Antônio: mais de duas décadas como porteiro

“Temos que ser porteiro, psicólogo e conselheiro” Cleiton Dias

ros. “Não tenho estudo para ser outra coisa”, conforma-se. “Mas uma mínima formação é necessária para ser porteiro. Quem não sabe ler e não sabe falar, não pode lidar com esse povo instruído”, completa Sousa. “Esse pessoal não se aproxima da gente. Estamos na casa dos outros”, ressaltou. Na sua mesa, não tem rádio nem TV. Regras do condomínio. Ele tampouco pode sair à rua. “Não posso deixar a portaria um minuto. Quando saio para ir ao banheiro, logo reclamam”, diz Sousa.

Diferente do Bairro Peixoto, o clima de amizade e cordialidade

não reina no Leblon. Isso é o que garante o porteiro Edinaldo Agostinho. “O morador respeita. Mas são eles lá, e a gente aqui”, diz o paraibano, que preferiu não abrir o portão para falar com a equipe. Ficou atrás das grades do edifício, por segurança.

“Porteiro bom é aquele que não fala com você, que não te traz problema e com quem você não tem intimidade”, defende um morador da Barra da Tijuca, que não quis se identificar “por medo de ganhar a antipatia dos seus vizinhos”. Ainda que anonimamente, ele explica que talvez o tamanho

do condomínio onde mora, com cerca de 20 mil m², seja a razão para a distância entre porteiros e moradores.

O jovem tem razão. Chegar até à portaria é tarefa difícil. O portão é distante da entrada, que, por sua vez, exhibe pelo menos dois interfones de comunicação com o porteiro. O profissional fica quase escondido entre duas estantes e uma mesa.

Nos grandes edifícios fica difícil para o porteiro conhecer todos os moradores, como no Prédio Rajá, em Botafogo, que abriga mais de mil moradores. Neste, até atropelamento com moto no corredor já ocorreu. O lugar foi comandado por uma facção criminosa, mas os traficantes foram expulsos, segundo os porteiros. “O prédio está passando por uma transição, e hoje não tem mais tráfico e prostitutas”, explica Jonas Fernandes, um dos porteiros.

Segundo eles, a mudança vem ocorrendo desde a nova administração, implantada há seis anos. Foi instalado um sistema de controle na entrada, câmeras nos corredores, dois porteiros, além de um segurança. Como não há interfone, o visitante só pode subir depois de deixar o número da identidade.

Cleiton Dias, que divide a mesa de entrada do Rajá com Fernandes, afirma que o lado positivo da profissão é lidar com todo tipo de gente. O problema é que algumas vezes eles têm de aturar desabafos de pessoas que chegam ali e, em cinco minutos, fazem o relato da vida inteira. “Temos que ser porteiro, psicólogo e conselheiro”, enumera Cleiton. E ainda agüentar a fama de fofoqueiros. 